

# Notas e Notícias

## **Cerimônia da colação de grão dos Engenheiros Agrônomos de 1950, pela E. S. A. “Luiz de Queiroz”**

Com toda a solenidade realizou-se, no dia 3 de março próximo passado, às 15 horas, no Salão Nobre da Escola, a sessão solene da colação de grau dos novos Engenheiros Agrônomos de 1950.

A turma de Engenheiros Agrônomos de 1950 elegeu seu paraninfo o ilustre catedrático de Agricultura Geral, Dr. Silvío Tricânico e homenageou os Profs: Dr. Luciano Gualberto, reitor da Universidade de São Paulo; Dr. José de Mello Moraes, diretor da “Luiz de Queiroz”; Phelippe W. C. de Vasconcellos; Jayme Rocha de Almeida, José B. de Camargo; Erico da Rocha Nobre; Walter Ramos Jardim; Dr. Raphael A. Escardo; os assistentes: Sinval Silveira Filho, Euripedes Malavolta, Ademar Spalini, Aristeu M. Peixoto e Serafim dos Santos; Homenagem Póstuma ao Prof. Carlos T. Mendes.

O orador da turma foi o engenheirando agrônomo Anibal B. Rocha.

### **OS GRADUANDOS**

São os seguintes os novos profissionais de agronomia aos quais a Revista de Agricultura cumprimenta e faz votos de felicidade no desempenho de tão nobre carreira:

1 Adherval Pereira; 2 Adolfo Kauffmann; 3 Alaerte Fleury Orsi; 4 Alcides J. D'Andréa Pinto; 5 Aloysio Miguel Acra; 6 Alvaro E. de Godoy Pereira; 7 Anivaldo Garcia de Moraes; 8 Annibal Bianchini da Rocha; 9 Antenor Dolci; 10 Antonio da Costa; 11 Antonio Petta; 12 Armando Geraldo Santoro; 13 Attilio Orestes Prospero; 14 Carlos Alberto Ditt; 15 Ernesto Paterniani; 16 Francisco Cesarino; 17 Francisco T. C. Vasconcellos; 18 Gustavo Losa Montenegro; 19 Heitor Erasmo Botura; 20 Helcio de Oliveira; 21 José Romano Gallo; 22 Julio Paixão Filho; 23 Juvenal V. de França; 24 Karl Erik Oncken; 25 Luiz Dondelli; 26 Manoel A. F. de Araujo; 27 Marcelo de Aze-

vedo Brito; 28 Maria de Lourdes do Canto; 29 Octavio da Costa; 30 Odilon Saad; 31 Ozorio Furlan; 32 Oswaldo Bertinato; 33 Raul Tacla; 34 Wagner Passarella; 35 Wilson Santos Vieira.

Usou da palavra o Prof. Silvio Tricânico, que proferiu uma interessante peça oratoria.

### **Ciência e Agricultura. Ação do agrônomo no desenvolvimento da Agricultura paulista**

Discurso proferido pelo Prof. Sílvio Tricânico, paraninfo dos Engenheirandos-Agrônomos, de 1950, na solenidade de colação de grau da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz".

Meus Jovens Amigos!

Agradeço-vos, com tôda sinceridade, pela distinção que me conferistes, escolhendo-me para vosso paraninfo. Naturalmente retraído, esperava concluir a minha carreira de professor, modesta e silenciosamente, como a iniciei, levando a consciência tranquila, do dever cumprido, na plenitude das minhas forças. Foi com surpresa que recebi o vosso convite, para tão honrosa e significativa homenagem. Convencido da sinceridade dos vossos propósitos, profundamente sensibilizado, não me restou outra alternativa senão aceitá-lo. Tudo farei, ao meu alcance, para vos retribuir tão generosa manifestação de amizade.

Aqui estou, como um irmão mais velho e experimentado, para vos dizer algo, nesta hora tão solene, de expressão inegalável, que simboliza o término da vossa vida escolar e o início da vossa luta pela vida, no desempenho da missão à qual estais destinados.

\* \* \*

Senhores!

Agricultura é a arte de obter do solo, o mais economicamente possível, o máximo de produtos, vegetais e animais, úteis ao homem. A sua origem, perde-se nos milênios do pas-

sado. Quando o selvagem deixou de ser nômade fez-se agricultor. Já em 1892, afirmou Bernardino de Campos, em mensagem dirigida ao Congresso, ser a Agricultura a base da riqueza e prosperidade dêste Estado. Após a primeira grande guerra a Indústria nacional adquiriu um surto verdadeiramente notável, o que constitui motivo para regosijo, pois êsse é o caminho para nos alinharmos entre as grandes potências. Tal fato, porém, só foi possível, graças à nossa Agricultura, fonte principal fornecedora de moeda para aquisição da maquinaria necessária e remuneração dos capitais estrangeiros, aqui radicados. Sobreleva notar, ainda, que a população rural representa excelente mercado consumidor dos produtos industriais.

Agricultura e Indústria formam o arcabouço da nossa estrutura econômica. A nossa Indústria, ainda insipiente, menos equipada e pouco técnica, é, geralmente, incapaz de enfrentar a concorrência estrangeira, nas praças internacionais. Cabe-lhe, *ipso-facto*, a função valiosa de realizar o abastecimento interno e a Agricultura será, ainda, por tempo imprevisível, a fonte primacial de dinheiro estrangeiro, para a compra dos materiais indispensáveis ao nosso progresso e conforto e à nossa condição de nação civilizada.

E' ilusório pensar que os grandes e poderosos países industriais se descaram da produção agrícola. Ao contrário, o que se observa é um *rush* — uma autêntica batalha — para aumentá-la. Intensificam-se os trabalhos de laboratório e as experiências no campo, estimulam-se os cientistas e técnicos devotados às pesquisas agrícolas, aperfeiçoam-se as máquinas de cultura do solo, porque os homens de govêrno sabem que a produção agrícola, além de ser um fator econômico de primeira plana, é uma garantia da subsistência nos tempos de guerra e de paz e o mais seguro meio de estabilidade social.

*Coffea brasiliae fulcrum!* O café, na realidade, é a nossa viga mestra. Urge, porém, aumentar, aperfeiçoar, diversificar e baratear a produção agrícola, para enfrentarmos a concorrência, sempre crescente nos centros consumidores e nos resguardarmos de surpresas futuras desagradáveis. Basta-nos o desastre da borracha, de tão penosas consequências!

A Agricultura caminhou lenta e empiricamente através do tempo, acompanhando o ritmo das civilizações. Até o fim do século XVIII, água e húmus eram considerados os únicos alimentos dos vegetais. O século XIX, das grandes descobertas científicas e da revolução industrial, assistiu ao trabalho gigantesco de cientistas abnegados, cujas pesquisas traçaram rumos novos à produção agrícola. De Saussure (1804) introduziu nas investigações o método quantitativo experimental. Boussingault, o fundador da moderna Química Agrícola, iniciou (1834) as suas experiências na fazenda Bechelbronn, na Alsácia, as quais, na época, não foram devidamente consagradas e infelizmente descontinuadas, após a guerra franco-alemã, de 1870. Coube a Liebig lançar a teoria da alimentação mineral das plantas e a glória de vê-la aceita. Foi, afinal, vencida a teoria do húmus e novos horizontes ampliaram-se aos fisiologistas. Lawes e Gilbert (1843), na Inglaterra, começaram as suas extraordinárias pesquisas em Rothamsted, hoje a mais célebre estação experimental do mundo.

Graças aos esforços de outros dedicados estudiosos desenvolveram-se a Física, a Química e a Biologia do Solo.

As investigações prosseguiram, no século XX, com o mesmo afã. Descobertas e processos novos, teorias e hipóteses arrojadas se sucedem. A Ciência do Solo, a Genética, a Ecologia, passaram a constituir disciplinas independentes, para melhor atender às necessidades das especializações.

O conjunto dos métodos científicos aplicáveis à Agricultura constitui a Agronomia. A proteção dos governos, o cooperativismo, o crédito, etc., favorecem a Agricultura, mas, indubitavelmente, a sua principal alavanca de progresso é a Ciência. O eminente professor Aereboe, economista alemão contemporâneo, de grande projeção, afirmou, num dos seus livros, que das descobertas de Liebig e de Hellriegell resultaram benefícios alimentares ao povo alemão, superiores ao das conquistas territoriais de Frederico, o Grande e de Bismarck!

\* \* \*

Diplomei-me, em 1920, pela "Luiz de Queiroz". A nossa Agricultura, nesse tempo, comparava-se à da Europa no ano de

1800. A terra, "dádívosa e bôa", plantando dava. Adubos químicos utilizavam-se em pequeníssima escala, especialmente nas experiências dos estabelecimentos oficiais. Não se combatiam pragas, a não ser o gafanhoto que aparecia periódicamente. De conservação de solo, Genética, melhoramento de produtos, remotamente se falava. E assim por diante. O padrão de vida era muito inferior ao atual e o que rendia a nossa exportação, quase só de café, bastava para pagar o pouco que importávamos e atender às despesas das numerosas famílias brasileiras que viviam em França. O serviço agrônômico do Estado contava número reduzido de funcionários. Na Diretoria da Agricultura o erudito Gustavo D'Utrá escrevia, traduzia, mas pontificava no deserto. Nem mesmo a obra monumental, imperecível, de Navarro de Andrade — a introdução do eucalipto no Brasil — recebera o justo aprêço. O agrônomo encontrava-se, afinal de contas, como um médico em uma cidade sem doentes, olhado com desconfiança, ou mesmo hostilmente. Alguns dedicavam-se à topografia, ou trabalhavam em terras próprias, ou de seus pais, onde, em geral, amorteciam o entusiasmo, acomodavam-se à então já muito malsinada rotina e, paulatinamente, esqueciam as novas idéias que haviam aprendido. Raros conseguiam emprêgos no Ministério e na Secretaria da Agricultura, onde tinham oportunidade para aperfeiçoamento.

Eis que, impulsionada por fatores diversos, *e. g.*, o imperativo de situações críticas, a ação governamental, etc., o facies da Agricultura paulista modificou-se, repentinamente, progredindo de tal maneira a constituir verdadeiro acontecimento notável. Concorreu, preponderantemente, para isso, a aplicação dos princípios científicos à Agricultura, efetivada pelos agrônomos, sem cujo esforço essa realidade, magnífica, não seria possível e a Nação sofreria incalculável prejuízo. Citarei, resumidamente, os principais fatos que determinaram tal modificação e a influência, nela exercida, pelos nossos profissionais de agronomia.

No ano de 1921, a lagarta rosada paralisou o surto da cultura algodoeira, que reiniciara-se, auspiciosamente, depois da geada de 1918. O ambiente agitou-se um pouco, falou-se de expur-

go, mas, de prático, quase nada resultou. Os cafeeiros estavam em fase de franca recuperação e o algodoeiro foi sendo relegado para plano secundário.

Um *frisson*, entretanto, abalou o país, em 1924. Assustaram-se até os brasileiros que folgavam em Paris! Um inseto atacava os cafêzais campineiros, destruindo-lhes a safra. Estarrecido, sob forte pressão popular, o Govêrno moveu-se e solicitou, para identificar a praga, o auxílio de Artur Neiva, Costa Lima e Navarro de Andrade, profissionais de reconhecida competência. Tratava-se do *Stephanoderes coffeae* (Hag.), modernamente *Hypothenemus hampei* (Ferr.), conhecido por broca do café. Impossível a erradicação da praga, dada a extensão já atingida. O fazendeiro teria, daí por diante, um sócio, cuja voracidade precisava combater. O Govêrno nomeou uma comissão de debelação e acabou, dada a gravidade do assunto, criando o Instituto Biológico, com amplo programa, já com valiosos serviços prestados ao Estado, no qual exercem profícua atividade numerosos agrônomos e em cuja direção culminou, também, um agrônomo.

A acidez das terras vinha preocupando, sèriamente, os cientistas da Alemanha e de outros países adiantados. Na "Luiz de Queiroz", o professor de Química Agrícola realizou pesquisas, cujos resultados publicados em 1925, demonstraram a necessidade de ser a matéria estudada nas nossas terras. Possivelmente, êsse foi o primeiro trabalho sôbre o assunto, em solos de climas tropicais e sub-tropicais. Simultaneamente, o mesmo professor, analisou terras da zona Noroeste do Estado, esclarecendo a viabilidade do seu aproveitamento para a cultura.

O mosaico aniquilava, implacavelmente, os canaviais. Paralisavam-se as usinas, pairava o espectro da ruína sôbre a lavoura canavieira, minguavam o açúcar e os demais produtos derivados. Um agrônomo, trabalhando nos laboratórios da "Luiz de Queiroz", solucionou tão relevante problema, indicando, em 1925, o meio de salvação.

A Secretaria da Agricultura foi, em 1927, pela primeira vez, entregue a um agrônomo: Fernando Costa. A administração dêsse glorioso filho da "Luiz de Queiroz" excedeu tô-

das expectativas. Reformou e ampliou o Fomento Agrícola, os Institutos Agrônomo e Biológico, a Indústria Animal, o Serviço Florestal, etc., tornando-os órgãos eficientes de pesquisas e de aplicações práticas. Foi Diretor do D. N. C., Ministro da Agricultura e Interventor Federal, cargos que exerceu sempre com fecunda e brilhante atividade. Valorizou o agrônomo, que, desde então, começou a ser olhado com respeito. Um verdadeiro líder da sua classe. Como Ministro da Agricultura, ideou e instalou no km. 47, a monumental Escola Nacional de Agronomia, bastante, de per si, para imortalizá-lo. A sua morte, prematura, em momento culminante, quando muito dele ainda se esperava, interrompeu, abrupta e dolorosamente, a sua luminosa carreira.

Extensas glebas do Estado mostravam-se cansadas, pouco produtivas e sequiosas de alimentos. Reinava completa balbúrdia nesse sentido. A análise das terras, pelos métodos usados nos países europeus, não dera resultados satisfatórios. Experiências no Instituto Agrônomo, feitas pelo seu diretor, publicadas no relatório de 1927, demonstraram ser o fósforo, o elemento, geralmente, mais necessário às nossas terras. Esse resultado, ainda hoje valioso, repercutiu, imediatamente no comércio de adubos e na adubação racional, com grande benefício para a produção.

No ano de 1928, um raio mortífero projetou-se sobre a vida econômica do País: a crise do café. Situação nebulosa e sombria, sem perspectivas favoráveis, por longo tempo. Milhões de sacas nos armazens reguladores, mais de um bilhão de cafeeiros novos, em plena produção, recursos financeiros esgotados! As consequências políticas... "mas isto é já outra história". Urgia encontrar novos produtos exportáveis, capazes de remediar a brecha aberta, pela queda vertical do preço do café. No Instituto Agrônomo, em fase de franco progresso, experimentava-se, silenciosa e patrioticamente. Após trabalho ingente, agrônomos dêsse estabelecimento conseguiram selecionar linhagens de algodoeiro, altamente produtivas e adaptadas às

nossas condições de solo e clima. Foi organizado o expurgo e o contrôlo das sementes e a produção fomentada. Em apenas alguns anos, as safras algodoeiras chegaram a causar receios à poderosa lavoura americana. No seu clímax o valor da exportação algodoeira ultrapassou ao do café! Êste atravessava, nessa ocasião, a sua *via crucis*, não obstante o fato é bastante significativo.

Um inimigo, mais insidioso, de ação lenta, mas sempiterna, ameaça a própria existência da Nação: a erosão do solo, pela água ou vento. De qualquer maneira, causa estragos, que não sustados a tempo, tornam-se praticamente irreparáveis. A erosão que destruiu cidades e arruinou países, causa nos Estados Unidos, por ano, perdas, somente nas terras de culturas, calculadas em 3 bilhões de toneladas, quantidade de terra suficiente para encher um trem de carga, de comprimento capaz de envolver 18 vêzes o nosso globo! O valor de tais perdas atinge a quase 4 bilhões de dólares (cêrca de 80 bilhões de cruzeiros). No Estado de São Paulo, o prejuízo já atinge cifra significativamente alarmante.

A erosão pelo vento, menos conhecida e aparentemente sem importância, poderá causar grandes males. No dia 12 de Maio de 1934, nos Estados Unidos, nuvens incríveis de poeira, transportadas pelo vento e originadas em terras anteriormente férteis, mas atualmente inutilizadas por aproveitamento irracional, escureceram o sol, desde as Montanhas Rochosas até o Atlântico! Referindo-se a êsse monstruoso fenômeno Fairfield Osborn escreveu no seu famoso livro *Our Plundered Planet*. "Do we need another catastrophic warning from nature to stir us to further action, or can we not now accept the many evidences of approaching crisis and take steps to ward it off?" (Precisaremos outro aviso catastrófico da Natureza para excitar-nos à ação, ou não podemos aceitar, agora, as muitas evidências da crise que se aproxima e tomar as medidas para desviá-la?).

Há longo tempo os agrônomos vêm alertando os brasileiros, da crise que se aproxima e concitando-os a evitá-la. Infelizmente, poucos são os meios ao seu dispor e pouco numeroso o pessoal empenhado na luta! A incredulidade e a ignorância agravam a situação. A cultura cafeeira, levada a efeito sem técnica ou planificação, devastou, desenfreadamente, área imensa do nosso Estado. Assistimos à mesma corrida, com os mesmos erros, às terras do Norte do Paraná, cujo semelhante e lastimável destino parece estar selado. A cultura do algodoeiro causou males maiores, em menor prazo e continua, desoladoramente, descontroladamente, assolando centenas de milhares de alqueires. A recuperação dos solos erodados, lavados, exaustos e degradados, oferecerá dificuldades econômicas, quase insuperáveis. Precisaremos que a erosão cause a desolação e a ruína, para depois tentarmos remediar, como aconteceu com a broca do café?

A urgência do momento impede-me de relatar os outros inumeráveis trabalhos, científicos ou de aplicação prática, realizados pelos agrônomos brasileiros, muitos já consagrados nos centros de estudos internacionais. Assim eles servem o País, contribuem para a sua grandeza e tornam-se credores da sua gratidão. Os seus direitos, entretanto, nem sempre são reconhecidos e postergadas as compensações, que deveriam premiar e estimular os seus esforços.

\* \* \*

Luiz Vicente de Souza Queiroz foi um desses predestinados, cuja ação revolucionária sobre o processo evolutivo de nossa Pátria não foi, ainda, apreciada em toda sua plenitude. Muito jovem, mas já dotado de sólida cultura, chegou a Piracicaba em 1873, onde, imediatamente, deu expansão ao seu extraordinário espírito empreendedor.

*Audaces fortuna juvat.*

Sobrepujando dificuldades, que na época nenhum outro usaria enfrentar, fundou êle, com incrível audácia uma fábrica de tecidos. A maquinaria foi transportada até Piracicaba,

pelo menos parte do percurso, por burros, a lavoura algodoeira foi formada e operários especializados foram trazidos da Bélgica!

Paladino das boas idéias, jornalista, amigo e protetor da cidade, magnânimo, abolicionista e republicano, polarizava a atenção dos seus coetâneos, que, atônitos, viam-no vencer em suas iniciativas e atividades multifárias. O seu dinamismo, estuante, não lhe dava tréguas. Impressionado, em uma de suas viagens pelo estrangeiro, arrisca-se em nova e arrojada empreza, contratando com a Câmara Municipal o fornecimento de energia elétrica, tarefa que, não obstante os grandes óbices a transpor, teve a felicidade de realizar.

Piracicaba, naquele tempo, tão longínqua, teve a glória e a felicidade de ser uma das primeiras cidades brasileiras a usufruir os benefícios da força e luz elétricas e de uma fábrica de tecidos.

Luiz de Queiroz alimentava um ideal mais magnífico. Deslumbrado pelos maravilhosos resultados que observara na Alemanha, provenientes da aplicação da Ciência à Agricultura, cristalizou a idéia de fundar uma escola de Agronomia. Sobre essas escolas escreveu, em 1895, na "Revista Agrícola":

"Incontestavelmente de tôdas as indústrias a Agricultura é a mais difícil e que mais tendência tem para entregar-se à rotina, uma vez abandonada a si mesma, não tendo a capacidade de poder utilizar-se do que a vasta Ciência moderna põe hoje à sua disposição."

"Não vemos nós os maravilhosos efeitos da Química Agrícola, fazendo a terra a mais ingrata e estéril possível, quase tão produtiva como se fosse terra virgem?"

"Conseguir-se por meio de uma hábil seleção fazer de um fruto, quase inútil ao homem, um alimento nutritivo excelente? O amoldar as qualidades de um animal ao capricho e con-

veniência do homem, obtendo um produto quase tão ideal, como poderia fantasiar a imaginação a mais viva? Por isso estamos convencidos que se os homens que estão à testa do Governo estivessem compenetrados dessas verdades, alcançaríamos, com os elementos que felizmente possuímos, dar um salto e nivelarmos em pouco tempo aos países os mais prósperos do mundo. Aí está o exemplo da Prússia com uma população pouco mais ou menos o dôbro da do Brasil (não incluímos os países anexados) possuir hoje 6 institutos superiores de Agricultura, com mais de 140 cursos, 4 academias agrícolas: uma, só a de Proskau, possuindo perto de 7.000 hectares de florestas e terras cultivadas, 41 escolas práticas, 6 escolas de irrigações e drenagem e até uma escola especial de Piscicultura. Temos de acrescentar a isso mais de 30 estações agrônômicas e numerosas escolas de Veterinária e de outras ciências congêneres. Por isso não nos admira ter ela conseguido fazer da pobre Prússia do século passado o grande império alemão de hoje.”

Palavras proféticas, de um cérebro privilegiado, parecem escritas para os dias atuais.

Piracicaba foi escolhida, pelo seu genial filho adotivo, para sede da projetada Escola. Iniciou, êle, com grande sacrifício, na fazenda São João da Montanha, auxiliado pela sua digna espôsa, companheira inseparável de tôdas as horas, o glorioso labor. Desta vez, a sorte lhe foi adversa. Com a saúde combalida e falhando-lhe o esperado auxílio de amigos ou do Governo, Luiz de Queiroz viu-se impossibilitado de continuar na luta. Receiando o fracasso, doou a fazenda São João da Montanha ao Estado, impondo-lhe a condição de, em certo prazo, nela estabelecer uma escola de Agricultura.

Em 1898 morreu o grande idealista, mas a semente, que havia lançado em solo fértil, germinou e sua idéia, imortal, foi, afinal, concretizada. No dia 3 de Junho de 1901, em sessão memorável, presidida por Candido Rodrigues, ladeado por Prudente de Moraes Barros e Luiz Pereira Barreto, inaugurou-se,

solenemente, a Escola Agrícola de Piracicaba, posteriormente "Luiz de Queiroz". A êsse acontecimento, inolvidável, esteve presente Odilon Ribeiro Nogueira, o primeiro aluno matriculado, o qual viria ser brilhante professor da Escola, a quem coube, 18 anos mais tarde, na primeira festa comemorativa da data, proferir uma conferência empolgante, da qual destaquei êste pequeno trecho, referente às suas impressões na cerimônia da inauguração :

"Comecei também a antever alguma cousa de grande, de excepcional grandeza, na solenidade a que assistia. Senti-me orgulhoso de me achar também naquele meio, em ser um dos alunos da nova Escola, em ser o aluno que abraza o seu livro de matrículas."

E a Escola, cujo cinquentenário se aproxima, com o esforço e dedicação dos seus professores, sob a égide dos poderes públicos e da Universidade de São Paulo, da qual faz parte, vem cumprindo, gloriosamente, a sua missão, como fator, ponderável, na grandeza de São Paulo e do Brasil, tal como ideou Luiz de Queiroz.

\* \* \*

A classe agrônômica e a nossa Escola foi profundamente atingida, no ano passado. Carlos Teixeira Mendes, um dos mais eminentes agrônomos brasileiros, faleceu, bruscamente, no dia 2 de Junho.

Carlos Teixeira Mendes foi o primeiro agrônomo a conseguir, por concurso, uma cátedra, em escola superior de Agricultura, o primeiro a publicar, no Brasil, um artigo sôbre a erosão, o primeiro a ensinar e a desenvolver a nossa própria Agricultura. Prestou serviços ao Estado durante 40 anos, sen-

do por cêrca de 35 anos, professor e experimentador, competente, dedicado, honesto e entusiasta, ministrando ensinamentos e realizando experiências, sempre orientadas na resolução dos nossos problemas e das ñossas culturas. Atendia, cotidianamente, numerosas consultas, com paciência e solicitude, a todos aconselhando com as luzes da sua inteligência poderosa e do seu imenso saber. Publicou inúmeros e valiosos trabalhos, que constituem contribuição preciosa à nossa literatura agrícola ou agrônômica.

Rendo, pois, a justa homenagem, ao grande idealista Carlos Teixeira Mendes, cuja vida constitui um exemplo venerável.

\* \* \*

Caros Colegas de 1950!

A Escola vos sagrou cavaleiros, para a grande cruzada, em prol da Agricultura e da Agronomia. O diploma que recebestes avultará de valor, com o perpassar do tempo, porque a rotina e o empirismo cederão lugar à Ciência e a Técnica, ou a nossa Agricultura fracassará, com consequências funestas à própria estabilidade da Nação.

Aconselho-vos a trilhar o caminho do bem e do direito, a vos empenhar com amor, dedicação e entusiasmo à profissão que abraçastes, a enfrentar a adversidade com ânimo inquebrantável, a venerar vossa Escola — mãe espiritual — e, como ideal supremo, a orientar, sempre, os vossos pensamentos para o destino e grandeza de nossa Pátria. Confiante na vossa capacidade, acompanharei, com fé, a vossa trajetória, na batalha da vida, augurando os vossos triunfos, que serão a glória dos vossos professores e da vossa Escola.

Sêde felizes!